

## Nota de repúdio

Alguns dias depois da última Assembleia Geral d@s estudantes da USP, ocorrida no dia 14 março e que foi conduzida por duas mulheres e um homem diretores do DCE, uma das componentes da mesa relatou um caso de machismo vindo de um estudante bastante ativo no Movimento Estudantil. O militante do PCO André Sarmiento encontrou-a nos corredores da FFLCH e disse coisas como “da próxima vez, coloca um homem na mesa que garante melhor” e “não é porque você é mulher que eu não posso partir pra cima”. O relato da companheira foi divulgado entre as mulheres que se organizam dentro do ME através de grupos auto-organizados, mas André Sarmiento e demais militantes de sua organização, tiveram acesso a esse relato, e o divulgaram em diversos grupos do Facebook. A partir disso, tanto o agressor, quanto sua organização, passaram a constranger a militante que sofreu a agressão e todas as outras mulheres que hoje compõe a atual gestão do DCE-Livre da USP, além de tentarem deslegitimar o Coletivo Marias Baderna - grupo feminista da letras, responsável pela denúncia - e suas integrantes. Argumentaram que as organizações que compõem o DCE prostituem seus militantes, e que praticam a famosa “tática 2” (conseguir militantes através da sedução e de relacionamentos pessoais) para conseguir novos militantes. Além disso, ainda escreveram uma nota no site nacional do PCO, colocando a foto da companheira que sofreu a agressão e enfatizando a tática 2 como método utilizado pelo DCE.

A postura do PCO e de seus militantes demonstra a falta de respeito que essa organização tem com as mulheres militantes. Este tipo de declaração reforça o estereótipo vigente de que as mulheres não tem capacidade de fazer debate político e que precisam usar da sedução para conseguir convencer um homem de algum argumento.

Historicamente, as mulheres têm dificuldades de se postularem como figuras públicas nos espaços políticos, por existir muito machismo em espaços como esse e por seres formadas desde seu nascimento a se restringirem aos espaços privados da vida, reservando a vida pública aos homens. Não são poucos os relatos de mulheres que foram desrespeitadas em espaços dos movimentos sociais, por não ser “duras” o suficiente, por não terem a firmeza para defenderem uma política. Vale destacar que um homem se autodenominar de esquerda não significa que automaticamente ele deixe de ser machista. Felizmente, muitas das organizações que constroem o ME da USP tem mostrado que combatem as opressões cotidianamente, participando de datas importantes como o 8 de março, mas também construindo os espaços auto-organizados. Ter duas mulheres na mesa de uma assembleia geral é um ótimo exemplo disso, e reivindicamos que cada vez mais as mulheres tomem os espaços políticos para si, sem medo de serem constrangidas. O machismo no ME e em espaços políticos no geral deve ser combatido cotidianamente, e todas organizações políticas devem tomar essa tarefa para si. Quando casos de machismo, como esse de André Sarmiento e do PCO, acontecem no ME, é papel das organizações e de todos ativistas da universidade repudiar tais ações e garantir que construiremos espaços cada vez mais livres de opressões.

Acreditamos que o combate às opressões e ao machismo está acima de qualquer disputa política. A Frente Feminista da USP, por exemplo, é composta por setores do movimento estudantil e militantes independentes que muitas vezes têm discordâncias na construção política cotidiana. Independente de nossas posições dentro do ME ou até mesmo nacionalmente, nós combatemos o machismo conjuntamente, sem que diferenças do movimento estudantil atrapalhem nossa organização e nosso debate. O combate às opressões

deve ser feito no ME, e não devemos aceitar que a esquerda reproduza o machismo que tanto combatemos no dia a dia. Posturas como essa do PCO devem ser repudiadas, e é importante deixar claro que se fosse qualquer outra organização política iríamos repudiar também. Não há favorecimento e perseguição a nenhuma organização de esquerda que atue na USP, porque enquanto existir o machismo em nossos espaços, nós continuaremos na luta.